

A Tektónica e o sector da construção



David Oliveira

■ **Fernando Santo**
Bastónario da Ordem dos Engenheiros

O sector da construção vive um período particularmente difícil, que não decorre apenas de problemas conjunturais economicamente menos favoráveis, mas do acumular de um conjunto de situações que conduziram à redução da procura, no sector público e privado, e ao excesso de capacidade instalada, traduzindo-se no aumento da concorrência.

Para os que trabalham nesta actividade há muitos anos, virá à memória a década de 80 do século passado, com taxas de inflação entre 25 e 30%, com reduzidos créditos bancários que atrofiavam a procura e com o Fundo Monetário Internacional a intervir nas contas públicas com medidas altamente restritivas.

Foi um período muito difícil, mas a dimensão das empresas era muito menor, a concorrência das empresas estrangeiras no nosso mercado quase que não se fazia sentir. Contudo, exis-

tia a esperança de dias melhores, pois o processo de adesão à CEE estava em curso e bem encaminhado e muito estava por fazer, designadamente, infra-estruturas públicas de abastecimento de água, redes de esgotos, de gás, de electricidade, passando pelas vias de comunicação e pelos edifícios. Existia uma enorme carência de habitações, mas não satisfeita pela incapacidade económica das famílias, perante as elevadas taxas de juro e os constrangimentos na concessão de crédito, limitado a apenas algumas instituições bancárias. Esse período, felizmente, já passou, e após a adesão de Portugal à CEE, em 1986, o sector da construção viveu um período de franca expansão, com um grande aumento do investimento público e do crescimento do sector imobiliário, dando resposta à necessidade de habitação. A boa perspectiva do mercado permitiu um crescimento sem paralelo das empresas do sector, com lançamento de OPA's, aquisições e fusões, venda de participações nacionais a muitas empresas de capital estrangeiro, numa clara internacionalização de todo o sector.

A cada novo desafio as empresas responderam sempre com mais capacidade, permitindo-se construir a actual rede de auto-estradas, a maior operação de construção de edifícios para realojamento, conhecida como PER, a Expo'98, centros comerciais, cada um maior que o anterior, escritórios, os estádios do Euro 2004 e tantos outros empreendimentos.

Julgo que é uma época que ficará na história, pelo muito bom e muito mau que se produziu, mas que não será repetível, por razões diversas.

As empresas cresceram, o mercado tornou-se interessante para o investimento estrangeiro, mas a situação actual, com problemas novos, obriga a novas soluções, decorrente de uma visão global e realista do sector, tendo em conta a percepção das medidas políticas consideradas prioritárias e que deverão ser a base para a estratégia futura.

As opções não serão muitas, mas passarão, seguramente, pela concentração de muitas empresas, diversificação das actividades e das áreas de negócios, internacionalização das empresas nacionais, mas em sentido inverso, para o exterior, e pela diversificação através da inovação de processos e da racionalização de meios.

Normalmente é nas situações de maior dificuldade que encontramos imaginação para responder aos desafios. O sector da construção irá passar por um longo e difícil período de transformação e adaptação às novas realidades e estabilizará de forma mais sustentável, com maior profissionalização dos intervenientes e evolução tecnológica.

Essa transformação exige uma maior preparação dos profissionais, melhor formação base e contínua, maior regulamentação e fiscalização dos intervenientes, pois não é possível um mercado eficiente e uma concorrência saudável, se for permitida a coexistência de empresas que cumprem e que não cumprem as suas obrigações legais, ou que trabalhem de forma clandestina.

As feiras, e em particular a Tektónica, são uma oportunidade para os profissionais do sector tomarem contacto com os novos produtos, com a inovação de equipamentos, de materiais e sistemas construtivos, mas também uma oportunidade para se desenvolverem temas técnicos e mostrar o que de muito bom o sector da construção tem feito.

Se todas as indústrias nacionais tivessem a capacidade demonstrada pela construção, dando resposta às necessidades do país em todo o tipo de obras, o país estaria certamente menos dependente do exterior e com uma balança de transacções mais favorável.

Neste domínio, a engenharia portuguesa esteve sempre ao nível do que se produz no estrangeiro, e quando se tem capacidades, envolvendo elevada tecnologia, há que criar condições para que sejam mantidas, sob pena de ficarmos mais pobres. ■

«O sector da construção irá passar por um longo e difícil período de transformação e adaptação às novas realidades e estabilizará de forma mais sustentável, com maior profissionalização dos intervenientes e evolução tecnológica.»